

ATAQUE CORSÁRIO NEERLANDÊS A BUARCOS EM 1629 – NOVOS CONTRIBUTOS

Dutch corsair attack to Buarcos in 1629 – New contributions

INÊS MARIA JORDÃO PINTO*

inesmjpto@gmail.com

*Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura,
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património*

MARCO PENAJOLA

penajoia@fl.uc.pt

*Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura |
Museu Municipal Santos Rocha*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6112-3616>

<https://orcid.org/0000-0001-9898-2062>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-9_17

Texto recebido em / Text submitted on: 15/06/2023

Texto aprovado em / Text approved on: 12/10/2023

Biblos. Número 9, 2023 • 3.ª Série

pp. 385-413

* Doutoranda em História Moderna – FLUC. Bolseira FCT 2023.02139. BD.

RESUMO

Neste artigo procuramos apresentar um contributo para avaliar a importância que a faixa marítima central portuguesa teve na Época Moderna. Depois de uma breve caracterização do contexto arqueológico e histórico do atual território da Figueira da Foz, analisamos o ataque corsário neerlandês em Buarcos no ano de 1629. Apesar de serem conhecidas algumas fontes e estudos sobre os aspetos defensivos de Buarcos, muito há ainda por investigar, como se comprova pelas fontes pouco conhecidas ou mesmo inéditas e relevantes aqui apresentadas, as quais permitem uma nova leitura sobre um episódio menos conhecido da história local.

A metodologia desta investigação centrou-se numa análise cruzada de informações, relacionando diferentes fontes, numa abordagem de micro-história.

Palavras-chave: Época Moderna; Buarcos; Litoral; Foz do Mondego; Incursão Corsária.

ABSTRACT

In this article, we aim to present a contribution to assess the importance of the Portuguese central maritime strip in the Modern Period. We begin with a brief characterization of the archaeological and historical context of the current territory of Figueira da Foz. Subsequently, we delve into the analysis of the Dutch corsair attack on Buarcos in 1629. Although some sources and studies on the defensive aspects of Buarcos are known, there is still much to be investigated. This is evidenced by the relatively unknown or even unpublished and relevant sources presented in this article, allowing for a fresh interpretation of a lesser-known episode in local history. The methodology employed in this investigation involved a cross-analysis of information, relating different sources, in a micro-history approach.

Keywords: Modern Period; Buarcos; Coastline; Mouth of the Mondego River; Corsair Incursion.

A LITORALIDADE DA FIGUEIRA DA FOZ: ASPETOS DE UM TERRITÓRIO NA ÉPOCA MODERNA

Este artigo tem como objetivo principal a análise de uma gravura seiscentista relativa a Buarcos, bem como uma breve análise geomorfológica e arqueológica do seu *hinterland*, e que representa muito do dinamismo inerente ao litoral atlântico neste território.

Trata-se de um quadro paisagístico que terá sido muito dinâmico e diferente daquilo que é possível observar na atualidade. Testemunha um litoral onde as alterações do início do Holocénico trouxeram uma costa “recortada”, com acesso a uma favorável navegação, apoiada por novos abrigos naturais, e uma “riqueza fluvial em cursos secundários, com estuários largos formando, assim, uma estrada geográfica, estabelecendo a ligação entre vários pontos e, por fim, facilitando a unidade de formação dos seus núcleos urbanos” (Cortesão, 1990: 148). Nesse sentido, o quadro paisagístico neste corredor flúvio-marítimo terá sido muito distinto do que hoje conseguimos observar, sobretudo em Época Romana. Vasco Mantas refere bem essa dificuldade de análise. Para este investigador, as modificações ocorridas na linha de costa, no final do período romano, terão sido causadas por questões geomorfológicas – “colmatagem de reentrâncias, progressão de cabedelos, alterações de lagunas, assoreamento da parte vestibular de rios” (Mantas, 1999: 137-138). Estas mudanças, por sua vez, dificultam o estudo da exploração de recursos marinhos e de olarias¹ a elas associadas que existiriam nesta orla costeira. Não podemos esquecer que a foz do Mondego era um produtor de sal e, ao mesmo tempo, uma via principal para o escoamento do mesmo. Aqui existia uma população dispersa de pescadores e salineiros que sempre caracterizaram esta foz. Carlos Fabião atesta muito bem esta limitação de estudo para este litoral. Este vasto estuário enquadra-se numa importante tradição histórica de recursos marinhos, inserido numa costa onde escasseiam fundeadouros e onde se deverá projetar investigações norteadas para a identificação de ves-

¹ A continuidade dos fornos para produção de cerâmica é atestada ainda em período Manuelino (Gomes, 2017: 124).

tígios da Lusitânia Romana, tendo sempre a noção das antigas geografias e não o presente quadro paisagístico (Fabião, 2004: 383-384).

Ainda em torno da análise geomorfológica para a barra da Figueira da Foz e o seu afloramento adjacente, temos vindo a registar a importância que estas cotas topográficas teriam para um povoamento recuado e um controlo náutico em vários níveis. Nesse âmbito, temos a identificação de alguns achados arqueológicos romanos que, paulatinamente, nos vão chegando e que reforça esta percepção. É precisamente neste afloramento, onde assenta uma das estruturas da linha defensiva da Figueira da Foz – Forte de Santa Catarina –, que são identificados os mais recentes vestígios da possível ação romana na foz do Mondego e que poderiam remeter para uma estrutura de farol (Roquinho, 2018; Mantas, 2021). A mesma realidade deveria ocorrer em Buarcos, onde Jorge de Alarcão alerta para a possibilidade de um farol em período romano, bem como de um porto (Alarcão, 2004: 14, 97). Assim, a existência de uma ocupação, quer de enquadramento geoestratégico (náutico, militar e comercial), quer de âmbito religioso, nestas posições da Figueira e Buarcos poderia, de facto, ter uma cronologia mais recuada. No entanto, será na Época Medieval que surge o castelo de Buarcos / Redondos². Desta estrutura foi adaptado, já no século XIX, um cunhal (com 12m de altura) para marco geodésico e facho, no sentido de apoiar a navegação. Ainda hoje é uma referência na paisagem urbana de Buarcos. De facto, a necessidade de proteção desta população em período medieval está bem patente no incremento de fintas e talhas aos moradores de Buarcos, para refazimento do muro e cerca do castelo de Montemor-o-Velho, onde se protegiam em períodos de guerra (Monteiro, 1999: 127).

Nesta análise, não devemos esquecer o diário de viagem que Lichnowsky escreveu sobre o itinerário de Buarcos até à Figueira da Foz, e depois até Coimbra no século XIX. Nele são referidas várias ruínas de atalaias nas margens do Mondego (Lichnowsky, 1845).

² Goltz de Carvalho efetuou uma maquete do que seria esta fortificação em meados do séc. XIX (Rocha, 1905: 162).

De uma forma sucinta, o território da Figueira da Foz observou a existência de várias estruturas defensivas marítimas ao longo do tempo – os já referidos, Castelo de Buarcos / Redondos, Forte de Santa Catarina, bem como a Fortaleza de Buarcos, Fortim de Palheiros, Fortim do Cabo Mondego³ e a Atalaia da Vela⁴ (Serra da Boa Viagem).

Todas estas mudanças tiveram um papel direto na formação de núcleos populacionais e urbanos neste território e com esse desenvolvimento apareceram os sistemas portuários associados. Amélia Polónia, numa introdução a esta temática portuária, expõe muito do que a posição de Buarcos chegou a exercer.

Um porto é em si próprio, um sistema complexo. Pode ser visto como o resultado de constrangimentos geomorfológicos, que condicionam acessibilidades e ciclos de protagonismo e/ou de subalternização. Mas pode ser também estudado como um recinto, marcado por um complexo infraestrutural e logístico que viabiliza operações de aportagem, carga e descarga, tidas como centrais para o seu dinamismo económico. Pode ser também visto como um ponto nevrálgico num sistema de defesa e de comunicações, ou mesmo como um centro administrativo e fiscal, marcado pela presença de autoridades portuárias, alfândegas, postos de controlo de entrada e saída de pessoas e de bens. (Polónia, 2008: 9).

O porto transforma-se, assim, num elemento urbano com funções bem específicas, que “obrigam” à expansão do espaço urbano para o espaço extramuros. Esse crescimento estende-se, na generalidade, pelas encostas das cidades até ao complexo portuário, alterando-se a sua fisionomia ao integrar as zonas alagadiças e até as estruturas adjacentes à prática comercial (Penajoia, 2012: 48-49). Buarcos, efetivamente, catalisa em si a maior parte desta realidade ao longo do tempo. Veja-se, por exemplo, que no ano de 1654 seria a quinta Alfândega do Reino (Amorim, 1996: 594).

³ Num mapa de 1779 surge referenciado como “Forte do Focinho do Monte” (DGT – CA91).

⁴ Ainda sem dados de campo objetivos.

Antes de nos focarmos na análise do nosso objeto de estudo, não nos podemos esquecer da importância dos valores toponímicos na investigação de um território. Nesse âmbito,

J. da Silveira dá-nos conta da existência desta antiga povoação, hoje simples sítio desabitado perto e ao Norte de Buarcos; abona as formas antigas *Alimedi, Alamedí, Alemede* (século XI), *Haimedi, Aimedi, Eimide, Eymede* (século XII), e relaciona o topónimo com o latim HALIMUS (grego ALI-MOS) *salgadeira, planta dos terrenos marítimos e arenosos*. No entanto, estas formas antigas não inviabilizam a hipótese de este nome se relacionar com *álamo*, à semelhança do que acontece com *Lemedé*.
(Silveira, 1921-1922: 216 *apud* Azevedo, 2005: 268).

De uma forma resumida, descrevemos alguns elementos toponímicos que Jorge de Alarcão apresenta na sua revisão a este espaço geográfico. Considera “que em Emide (actual Buarcos) terá existido uma aldeia muçulmana” (Alarcão, 2004: 31); e que “o nome Buarcos poderia ser, em 1143, um corónimo, que abrangeria uma região entre a Sra. da Arieira e a actual povoação de Buarcos ou a actual Ponta de Imide. O corónimo viria até à actual cidade da Figueira da Foz ou mesmo até à foz da ribeira de Tavarede” (Alarcão, 2004: 99).

Também Maria Helena da Cruz Coelho reforça a dinâmica que a toponímia sofreu com a evolução populacional no Baixo Mondego, sobretudo entre os séculos XII e XIII. Os nomes já não designavam apenas povoados, mas simples terras cultivadas. Havia necessidade de nomear a terra desbravada. A partir do Numeramento de 1537, pode-se inferir que a distribuição populacional era, já em tempos anteriores, de uma forte densidade, sobretudo nas zonas de Tentúgal e Buarcos. Representavam elas, respetivamente, a atração da foz de um rio, que se abria para o espaço marítimo (Coelho, 1989: 40). Retomando a nossa avaliação de Buarcos em Época Moderna, importa referir que se trata de um período com uma evolução dos núcleos urbanos lenta, mas segura. A expansão urbanística de vilas e cidades, particularmente na Idade Moderna, através da adoção de regras de planeamento, expandindo-se para

além dos perímetros fortificados, realizando obras públicas e privadas devidamente planeadas, fomentou uma maior interação socioeconómica, moldando os inícios do conceito de globalização (Gomes, 2014: 13-75). Neste período, o espaço figueirense conheceu uma significativa evolução urbanística, em grande parte perceptível apenas através de estudos arqueológicos, porque a história dos lugares e a evolução das comunidades faz-se, também, através das alterações, demolições e destruições, próprias da evolução das comunidades que vão adaptando as estruturas às suas sucessivas vivências e necessidades.

No que respeita à arqueologia, para além do estudo do edificado, os espólios cerâmicos continuam a ser um dos melhores indicadores cronológicos. Esta realidade pode verificar-se através do comércio em macro escala, realizado por via náutica, e que poderia alcançar territórios ultramarinos neste período. Esse registo está bem patenteado em algumas embarcações, por exemplo, naufragadas na Ria de Aveiro, onde o espólio, cada vez mais dinâmico, levou à criação de novas tipologias e variantes. Alguns desses testemunhos cerâmicos passam por “taças, tigelas, canecas, alguidares, panelas, bilhas, cântaros, bacios, mealheiros, anforetas, formas de açúcar, entre outros recipientes que seriam produzidos naquela região” (Alves et al., 1998: 185-210). Em 2012 foi realizada mais uma atualização a estas cerâmicas de Aveiro, como por exemplo, a “identificação de novas formas como, jarros e funis” (Carvalho; Bettencourt, 2012: 735-736).

O território da Figueira da Foz testemunhou assim alguma dinâmica, sobretudo no que respeita aos seus núcleos urbanos marítimos, e aos seus quotidianos inerentes. Encetando pelo aspeto geomorfológico, verificamos que este centro urbano detém uma posição semelhante aos importantes portos de maré, inserindo-se “parcialmente num contexto que reencontramos no abrigo em baía de Lagos, e Sines” (Blot, 2003). Situação bem evidente na cartografia de Pedro Teixeira Albernaz (1634)⁵. Este facto realça a boa posição de Buarcos relativamente a portos de mar ainda hoje ativos.

⁵ Sobre esta cartografia veja-se: Pereda e Marías, 2003: [64] 337; Penajoia, 2012: 113-114; Gomes, 2017a: 13-100; Mantas, 2018: 10-19. Também de menção é a representação de Buarcos por Daniel

No que diz respeito aos aspetos defensivos, importa referir que este espaço soube manter-se em momentos idos de verdadeira instabilidade (a inconstância da reconquista, constantes ataques piratas), conseguindo colmatar alguma fragilidade sentida. A este propósito, veja-se um documento sobre a entrada de “muçulmanos” na vila de Buarcos no ano de 1630 (Penajoia, 2012), bem como o ataque de corsários neerlandeses ocorrido um ano antes, tópico central no presente artigo. Ainda assim, a casa aduaneira de Buarcos terá persistido até ao século XVIII, apesar da vontade régia ir determinando a Foz do Mondego como local ideal para a tributação mercantil.

Goltz de Carvalho foi uma das ilustres personalidades de Buarcos, evidenciando também o interesse pelo património arqueológico. Promoveu uma escavação na sua própria residência, destacando o aparecimento de um grande alguidar fragmentado, de tipo mudéjar, e que posteriormente restaurou. Na mesma camada estratigráfica, onde surgiu o alguidar, relata também a identificação de duas moedas portuguesas, uma delas datada do século XV e outra do século XVI, bem como parte de um azulejo hispano-árabe (Carvalho, 1906: 106).

Já Santos Rocha, quando relata alguns achados provenientes do Algarve, nomeadamente dos silos de Bensafrim, destaca uma candeia proveniente de Buarcos:

a lâmpada é muito notável. Estácio da Veiga encontrou exemplares semelhantes no Algarve, e o Museu da Figueira possui um fragmento recolhido pelo nosso consócio Sr. Goltz de Carvalho nas escavações que fez em Buarcos. Essa forma tem ainda actualmente, entre nós, os seus representantes nas populares candeias de ferro ou de lata.

(Rocha, 1904: 21)

Relativamente ao espólio identificado na Misericórdia de Buarcos e integrado na reserva do Museu Municipal Santos Rocha, este está essencialmente

Meisner, publicada em 1635/38 (n.º D95), e dada a conhecer em Portugal por Alfredo P. Marques – CEMAR. Já em 1630 Daniel Meisner tinha publicado esta gravura, (n.º 10) (Meisner, 1630).

relacionado com o quotidiano das gentes das antigas vilas de Buarcos e de Redondos. Trata-se de fragmentos de cerâmica, muitos deles com a aplicação de vidrado e vidrado estanífero.

Outros vestígios arqueológicos para esta época encontram-se, por exemplo, na envolvência de Buarcos “a O da pirâmide geodésica de 1ª classe, próximo da estrada de Quiaios, descobriram-se os alicerces de uma casa, feita em alvenaria seca, da época de D. João III” (Cruz, 1898: 275).

Também, o sítio da Espadaneira⁶, próximo do Cabo Mondego, ao sul das Pedras da Bandeira, apresenta umas interessantes ruínas de um povoado relacionado com a Época Moderna (Rocha, 1888: 120-122). Na mesma linha está o sítio de Pardinheiros, que deverá enquadrar-se numa longa diacronia, já que também possui elementos de cariz romano e medieval (Rocha, 1971: 136).

A estação do Lírío, emblemática para a Pré-História recente, sinaliza também alguns vestígios que apontam para o fim da Idade Média e Época Moderna (Rocha, 1975: 213). Um dos sítios mais duvidosos da carta arqueológica figueirense é o Cerro da Fonte de Cabanas. Trata-se de uma necrópole implantada num outeiro junto à Fonte de Cabanas. A sua cronologia permanece indeterminada, com a possibilidade de a sua tipologia ir de uma necrópole de cistas da Idade do Bronze até a uma necrópole da Idade Moderna. Santos Rocha classificou-a do século XV ou XVI, mas não publicou qualquer fundamentação para esta cronologia (Rocha, 1905). Em 1908, a propósito do cemitério do Lírío refere que o cemitério do Cerro da Fonte de Cabanas estava junto das ruínas de uma capela, mas nada sabemos sobre a dita capela (Rocha, 1908: 226-227).

Em suma, criaram-se em PDM zonas de potencial valor arqueológico, correspondentes aos núcleos populacionais de índole medieval e moderno, sobretudo para as áreas da Figueira da Foz, Buarcos e Tavadrede. Nesse campo, também se inscrevem os antigos traçados das galerias subterrâneas de abastecimento de água à cidade. Finalmente, salientar que a rede de estradas da Época Medieval e Moderna permanece ainda muito mal

⁶ Este sítio também demonstra materiais romanos.

delineada. Contudo, existe um troço da estrada real ainda muito bem conservado e em uso, cuja obra de engenharia é verdadeiramente notável e merece um cuidado especial. Trata-se do troço compreendido entre o sítio das Casas Derrubadas e Santa Olaia que atravessa o paleoestuário do Mondego (Ferreira e Pinto, 2017).

Nesta linha, também se encontra o período apelidado de Expansão. Aqui as informações disponíveis remetem-nos para o apogeu expansionista português, dando-se especial realce às estruturas de cariz defensivo/mercantil, implantadas nos territórios ultramarinos, deixando parcialmente de lado a realidade interna da metrópole.

ATAQUES CORSÁRIOS E PIRATAS A BUARCOS – NOVOS CONTRIBUTOS

Voltando à posição geográfica de Buarcos e ao seu dinamismo náutico, já vimos que esta foi alvo de constantes investidas, sobretudo nos séculos XVI, XVII e XVIII, com graves danos e prejuízos causados à população. Procuramos contribuir com novas informações e dar a conhecer outras fontes acerca de um tema pouco estudado, como é o caso das incursões a Buarcos e à Foz do Mondego na Época Moderna.

Particularmente ao longo do período da Monarquia Dual⁷, a povoação de Buarcos foi alvo de ataques, tanto ao largo da costa como em terra, tal como acontecia noutros portos continentais e insulares, bem como no litoral português⁸.

⁷ Sobre os conflitos entre os Países Baixos e a Monarquia Hispânica e, conseqüentemente, contra a Monarquia Dual, veja-se Pelúcia, 2010: 71-80.

⁸ Carregados de especiarias e riquezas diversas, os navios portugueses provenientes da Índia e do Brasil enfrentaram uma rede organizada de inimigos, de diversas nacionalidades e diferentes motivações, agravada pela guerra anglo-hispânica de 1585-1604. No caso do curso francês à navegação portuguesa na primeira metade do século XVI, Ana Ferreira apurou 423 roubos entre 1508 e 1538 (Ferreira, 1995). No estado da arte da sua tese de doutoramento, entre outros, Borges elenca as várias dificuldades sentidas pelos diversos investigadores na quantificação de dados sobre os diversos motivos que levam ao desaparecimento de embarcações, entre elas os ataques piratas ou corsários (Borges, 2020: 32-48).

Uma dessas incursões ocorreu a 24 de maio de 1602⁹, quando a tripulação de navios ingleses atacou e saqueou a povoação de Buarcos, tendo inclusive queimado os livros da respetiva Câmara e talvez também os da Alfândega, gerando grande miséria na vila (Rocha, 1893: 60-61)¹⁰. Para além deste, conhecemos outros relatos de incursões, nomeadamente a de 1566 (ingleses), 1629, (neerlandeses) 1630 e 1657 (magrebinos)¹¹.

Estas incursões não se desenvolvem somente em alto mar, mas também nos portos¹². Grande parte das investidas corsárias, “tanto de cristãos como de muçulmanos, têm lugar dentro das próprias instalações portuárias, sem contar com o desembarque em zonas costeiras desprotegidas onde a surpresa e a rapidez atuam em favor dos piratas” (Lópes Pérez, 1991: 869).

Apesar de serem conhecidas algumas fontes e estudos sobre os aspetos defensivos de Buarcos, este é um tema que carece de estudos mais aprofundados, pesquisa e análise de novas fontes (nacionais e internacionais). A digitalização de documentação e a sua disponibilização online por parte dos

⁹ De acordo com o assento de óbito de António André. Este assento também testemunha a luta entre os atacantes e os residentes: “falleceo António Andre a 24 de maio de 602 annos e foi morto per hum Ingrez em o dia do Saque desta villa estando descalsando houtro Ingrez que os nossos tinhão morto” (PT/AUC/PAR/FIG04/001/0001, fl. 92 [fotograma 536]).

¹⁰ Sobre os ataques de 1566 e de 1602, Santos Rocha cita D. Nicolau de Santa Maria (Santa Maria, 1668: 269, 392 e segs).

¹¹ Para além destes, há outros registos a assinalar. A 01-11-1522 as costas da Figueira e de Buarcos são assoladas por piratas, saqueando casas, pessoas e bens da igreja e em agosto de 1566 chega a notícia a Coimbra de um ataque de ingleses, luteranos, anglicanos e mouriscos a Buarcos e à Figueira (Costa, 2004: 16-17). Depois da Restauração, Buarcos terá sido alvo de tentativas de desembarque de tropas espanholas e de ameaças de piratas biscainhos em 1642, de incursões levadas a cabo por piratas magrebinos, em março de 1645, bem como de investidas de “turcos” e mouriscos em 1657 (Cascão, 2009: 42-43). Já no século XVIII há registos de em 1754 os magrebinos ainda correrem as águas do litoral, levando mestres de navios a preferir naufragar as embarcações para “escapar da escravidão dos inféis” (Rocha, 1893: 60-61).

¹² Em maio de 1622 um navio proveniente de S. Tomé foi atacado junto a Buarcos por neerlandeses (Borges, 2020: 454). Em 1798, o iate Pancão, um barco do Arsenal empregado na condução do carvão de pedra da mina de Buarcos para os arsenais do exército e da marinha, foi atacado por corsários franceses (Mano, 1997: 345). Nos livros de visitas às Naus Estrangeiras na Figueira da Foz, surgem algumas referências a assaltos no Atlântico, nomeadamente em 1708, 1711 e 1712 (PT/TT/TSO-IC/037/0670, fl. 9-91v, 102v e 108-108v).

museus, bibliotecas e arquivos, muito tem contribuído para novas descobertas. O Rijksmuseum, em Amsterdão, é um desses exemplos¹³, no qual identificámos uma gravura que ilustra e narra um ataque a Buarcos, ocorrido em 1629¹⁴.

Juntamente com novas fontes, esta estampa foi o ponto de partida para esta investigação, através da qual procuramos apresentar diferentes relatos sobre um mesmo acontecimento, recuperando fontes publicadas e apresentando fontes inéditas relevantes. Analisadas em conjunto, estas fontes permitem uma nova leitura sobre um episódio menos conhecido da história local, que poderá vir a ser desenvolvido, futuramente, noutros estudos.

Não deixa de ser intrigante o motivo pelo qual Buarcos foi alvo de um ataque no período da guerra entre a República Holandesa e o mundo hispânico, como frisa Jonathan Israel (Israel, 1997: 173). Pela análise ao texto da gravura em questão, é perceptível que a incursão a Buarcos foi intencional.

Sobre esta investida dos neerlandeses, as fontes já publicadas dão-nos algumas informações complementares. Na sua obra dedicada à história da Figueira, Santos Rocha refere que “quatro naus [neerlandesas] lançaram em terra gente armada, que muito damnificou Buarcos, e provavelmente também a Figueira” (Rocha, 1893: 61)¹⁵. Em consequência deste ataque, são emitidas duas cartas régias, numa das quais, de 6 de julho de 1629¹⁶, é ordenado que se acautele a defesa da vila e do seu castelo, por conta dos

¹³ Através da plataforma Rijks Studio.

¹⁴ Após identificar esta gravura, em maio de 2021, encetámos esforços junto de tradutores e investigadores, cuja colaboração foi essencial para a concretização deste artigo. Agradecemos penhoradamente à Dra. Francine Stoffels pela ajuda incansável na conversão do texto original para o neerlandês atual e sua tradução para inglês, que esperamos publicar oportunamente. Agradecemos também ao Dr. Arie Pos pela tradução do neerlandês para português, publicada no Anexo II deste artigo.

¹⁵ Na sua obra dedicada a Buarcos, Fausto Caniceiro da Costa faz referência a este ataque, reportando-o a 2 de junho de 1629, data da carta enviada a D. Filipe III e não a data do ataque (Costa, 2004: 28). Embora o autor não refira a fonte, verificamos que o mesmo se baseia no texto de Santos Rocha.

¹⁶ Esta carta régia foi emitida na sequência da carta endereçada ao monarca pelo Juiz de Fora de Montemor-o-Velho. A carta régia, de 10 de outubro do mesmo ano, faz referência ao “sucesso de Buarcos” dando ordem para serem castigados os que não cumpriram a sua obrigação de defender a vila da investida corsária.

respetivos donatários, devendo ser assegurada a vigilância dos locais onde possam desembarcar os inimigos.

Outra das fontes sobre a investida neerlandesa é a oração de Sapiência do Padre Jesuíta Francisco Machado, proferida no ato inaugural do ano académico de 1629, na Universidade de Coimbra. Através da alocação do referido Padre, ficamos a conhecer outras informações sobre este ataque, com particular enfoque sobre a defesa de Buarcos encetada pela academia. Francisco Machado integrou esse corpo militar, liderado pelo próprio reitor da Universidade. Num discurso eloquente, que procura captar a atenção do público, enfatizando a importância e a riqueza da Sabedoria, nos tempos difíceis de então da Monarquia Dual, este texto evoca o assalto de piratas neerlandeses a Buarcos (Urbano, 2001: 61, 81-83):

Ainda há meses (...) expugnam os inimigos, para suma desonra do nosso nome, a praça de Buarcos; aos telhados dos moradores se lançaram chamas; nem com as igrejas houve temperança. (...) sujam pés profanos as sagradas capelas dos santos, arrombando, violando, desnudando aquelas paredes de seus ornamentos e preciosos ex-votos, depredando altares, delapidando aras, despojando sacrários. Aquelas imagens dos santos (...) arrogantemente deitam por terra decepando-lhes as mãos, destroncando-lhes as cabeças, dispersando-lhes os membros. (...).

Vem a saber esta Academia de um novo e infausto assalto desses bárbaros à dita praça. Que algazarra! Que presteza! Logo o ilustríssimo reitor traz o estandarte de guerra do forte de Minerva. Já a Academia está em armas. Que correria para o rio! (...) Já à vela, a remos, à vara vão sulcando as águas do Mondego. Ó que feroz semblante guerreiro. Rufam tambores, ressoam clarins e tocam trombetas, desfralda-se bandeiras. Estremece o céu aos tiros, derrete-se em chumbo, desfaz-se em clarões, inflama-se em fumaça, desaba em trovões. (...).

(Urbano, 2001: 135-143)

Esta ofensiva a Buarcos e a presença do Padre Jesuíta Francisco Machado é corroborada por Manuel Severim de Faria, seu contemporâneo,

o qual relata as ofensivas neerlandesas a Buarcos, em maio e em junho de 1629:

[fl. 256] A 18 de Mayo de 1629 achandose seis piratas olandezes defronte de Buarcos, em ocasião de calmaria, sairão, em terra em grande numero, e saquearão o lugar por descuido dos moradores, a quem a confiança de estarem em costa brava faz viver com tão pouco receyo de inimigos, que se tem sempre por seguros delles, posto, que as muitas vezes, que já os virão em suas casas os pudera ter desenganada deste tão custoso erro. Saquearão os hereges a villa, deixando os sinaes de sua impiedade nos templos, e imagens; posto que se embarcarão com tanta prêssa, que primeiro estiveram no mar que se soubese nos lugares vizinhos esta desaventura.

Contudo logo aos 7 de Junho¹⁷, vendo outra semelhante bonança, derão môstras de querer sair em terra, porem como já o mal passado nos tinha feito vigilantes, foi logo dado rebate, em Coimbra, donde acudirão com suma presteza o Corregedor com a gente da cidade, de Infantaria por mar, e os de Cavallos (em que entravão muitos fidalgos, e nobres) por terra. (...).

Foy este esquadrão notabelicimo, assy pela qualidade da gente, pois nelle encerrava a flor da fidalguia; e letras deste Reyno, como pelo valor, e armas, que levavão. Sem duvida, que a noticia delle fez voltar aos Inimigos as costas pois desembarcando de seis ou sete vellas maes de quinhentos homens, se tornarão a embarcar com mayor presteza do que vierão. E assy podemos dizer que foi este mayor vencimento, que o de Cezar, pois sem os nossos serem vistos, só com a fama fizerão fugir os inimigos.

(BNP, Cód. 241, fl. 256-256v)¹⁸

¹⁷ Tal como a referência a 18 de maio não corresponde à cronologia de outras fontes [28 de maio], o mesmo poderá suceder com 7 de junho, uma vez que não encontramos nenhuma outra fonte que refira este dia. Fica a dúvida se não seria 7 de julho, dado que, de acordo com a nota escrita por frei Simão Leitão, os neerlandeses saquearam a vila até 15 de julho (AUC/PAR/FIG17/001/0001, fl. 1).

¹⁸ Sobre este assunto, veja-se também (Urbano, 2001: 82-83).

Este relato tem particular relevância, tanto no que respeita à descrição do primeiro ataque a 28 de maio¹⁹, bem como às personalidades que integraram o esquadrão de defesa, que saiu de Coimbra em direção a Buarcos.

Novas pesquisas sobre este assunto permitiram identificar fontes diversas e bastante relevantes para a compreensão do que aconteceu em Buarcos. A referência ao dia do primeiro ataque – 28 de maio – é-nos dada a conhecer através das indicações deixadas no livro da paróquia de Redondos, onde frei Simão Leitão escreveu, na folha de abertura:

Este livro he da Igreja de Santa Cruz dos Redondos dos scilicet de baptizados, casados e de defuntos porquanto o que avia levaram os olandeses no mes de maio a vinte e nove a hũa 2.^a feira que saquearam estas villas ate quinze dias do mes de julho era 1629 anos.

(AUC/PAR/FIG17/001/0001, fl. 1)²⁰

Esta informação é igualmente importante por indicar o período temporal dos ataques – de 28 de maio a 15 de julho de 1629.

No folio seguinte do mesmo livro, para justificar estar a realizar novo assento do batismo de Matheus, celebrado em 1628, frei Simão Leitão refere que o livro onde tinha efetuado esse registo na devida altura, tinha desaparecido, crendo que os neerlandeses o teriam furtado (AUC/PAR/FIG17/0001, fl. 2). Também nos livros paroquiais de Buarcos encontramos referência aos ataques perpetrados pelos neerlandeses, nomeadamente no livro de batismos, onde surge a nota “a 28 de maio do presente anno de 629 foi roubada esta villa pellos olandeses”, à margem dos assentos de batismo de António e de Catarina (AUC/PAR/FIG04/001/0001, fl. 45v), bem como

¹⁹ A análise de outras fontes, nomeadamente notas nos livros paroquiais, levam-nos a crer que a data correta será 28 e não 18 de maio.

²⁰ Na verdade, 29-05-1629 foi a uma terça-feira, pelo que o ataque teve início no dia 28 de maio, conforme consta na nota do livro de batismos de Buarcos.

uma referência no teor do assento de óbito de Catarina “Em 28 de mayo que os olandes roubarão estas villas matarão *C^a Roiz irmã de J^o neto*, e jaz em São Pedro” (idem, fl. 113v)²¹.

Se os livros paroquiais nos dão uma cronologia mais precisa, outras fontes apresentam alguns dados sobre as consequências nefastas dos saques realizados pelos neerlandeses, nomeadamente a situação de pobreza em que ficaram as populações. Uma dessas evidências surge na carta de Fernão Gomes Quadros, datada de 21-04-1630, dirigida ao monarca D. Filipe III, onde reporta que

Estas villas de buarcos já duas vezes saqueadas, os templos e imagens deles queimadas estão em tão miseravel estado que se vão despovoando por que não há nellas pessoa artelharia nem armas com que se defendão (...) ponha os olhos neste desemparo provendo por sy ou obrigando aos donatarios que com efeito acudão aseus vassalos.

(Varnhagen, 1871: 293, doc. 11)

Na documentação dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho – Santa Cruz de Coimbra, encontra-se o relato da visitação efetuada à igreja de Santa Cruz, Redondos, em 1632, referindo que, aquando da visita no ano anterior, tinha sido colocado um frontal de altar emprestado “por respeito de virem a dita villa enemigos e roubarem as igrejas della como fizeram há dous anos levando todos os ornamentos que tinha a dita igreja” (ANTT, MSCC, mç. 254)²². De acordo com o traslado da referida visitação a Redondos, “os freguezes retelharam o telhado desta igreja e as portas (...) e mandaram por hum sino que se não dá sinal aos sacramento e aos mortos”, referindo que, por serem pobres, a população teria recorrido ao Reverendo Geral de Santa

²¹ O sublinhado vem do original.

²² A numeração deste maço é pontual e não sequencial. A este documento corresponde o fotograma 317.

Cruz (ANTT, MSCC, mç. 254)²³. Em 1634, numa petição da Câmara de Buarcos, os oficiais da Câmara e mais moradores e fregueses da referida igreja queixavam-se de terem sido salteados duas vezes pelos neerlandeses. Consequentemente, “não puderão comprar hum sino pera a dita igreja e assi ha tantos annos estão sem elle pela muita pobreza da terra” (ANTT, MSCC, mç. 254)²⁴.

Estes ataques tiveram tão grande impacto na região que, tal como o Padre Francisco Machado, também Jerónimo da Silva²⁵ quis deixar o seu testemunho, através de um poema épico. Com o título “Relação da viagem que fez a Buarcos Francisco de Britto de Menezes, Reytor da Universidade de Coimbra em o mês de julho de 1629”, trata-se de um texto lírico, no qual o autor narra a decisão de defender Buarcos e os atos heroicos da Academia. Para além das dificuldades que tiveram de ultrapassar ao longo do caminho, o autor também nos dá a conhecer alguns nomes e funções de homens envolvidos nesta viagem (ANTT, ML, nº 260 (47))²⁶.

²³ A este documento corresponde o fotograma 337.

²⁴ A este documento corresponde o fotograma 353.

²⁵ De acordo com a notícia relatada por Manuel Severim de Faria, Jerónimo da Silva foi um dos sargentos que integrou a defesa organizada pela Academia, que rumou a Buarcos em junho de 1629.

²⁶ Até ao momento não encontramos nenhuma referência publicada a este texto lírico, em oitavas, constituído por 97 estrofes. Devido à sua extensão, optamos por o transcrever e analisar num futuro artigo, dando, aqui, apenas a conhecer a sua existência.

de quatro navios com pavilhão neerlandês e algumas pequenas embarcações, em julho desse mesmo ano, durante a revolta neerlandesa contra Espanha, no período da união dinástica entre Portugal e Espanha, com consequências em território luso bem como nas respetivas colónias. A gravura é complementada com a narrativa dos acontecimentos, em forma de poema.

Analisando a imagem, são visíveis disparos em direção a terra, a partir da nau do Comandante Hendrick Dircksz Kleuter, do iate do Capitão Willem Bouwersz Keert de Koe e de uma das chalupas que transportam homens para terra²⁷. Na vila, são perceptíveis diversos focos de incêndio, bem como o posicionamento dos atacantes com estandarte holandês, de ambos os lados da fortificação. Mais recuados, provenientes do interior, estão representados grupos armados com a bandeira Cruz de Borgonha, que seriam a linha defensiva de Buarcos. Como se a gravura por si só não fosse suficientemente pormenorizada, na parte inferior, está um poema que narra o ataque.

A riqueza de informação que esta gravura nos dá, tanto pelos elementos gráficos como textuais, é particularmente relevante por apresentar a perspetiva do atacante. É preciso ter em atenção que esta estampa se insere na tipologia de mapas noticiosos, com um grande valor propagandístico, dado que a guerra entre os Países Baixos e Espanha era financiada pelos mercados (AUC, 1988). Ainda assim, permite efetuar um confronto de pontos de vista²⁸, o que nem sempre é possível, por insuficiência de fontes.

A narrativa diz-nos que a viagem, desde os Países Baixos, pelo Golfo da Biscaia, em direção a Finisterra, acompanha a costa portuguesa, avançando em direção ao Cabo Mondego. Na segunda coluna do texto, o autor descreve que “os

²⁷ A partir da análise do texto que acompanha esta gravura e das legendas nela inseridas, conseguimos perceber que, mais à esquerda está representada a nau do Comandante Hendrick Dircksz Kleuter, seguindo-se a nau do Vice-Almirante Adriaen van Kruyningen, ambos de Flissinga, à direita a nau do Contra-Almirante Louis Martensz, de Hoorn e, em segundo plano, igualmente à direita, o iate do Capitão Willem Bouwersz Keert de Koe, de Roterdão.

²⁸ No caso em concreto, a narrativa desta estampa com a oração de Sapiência do Padre Jesuíta Francisco Machado e a relação da viagem que fez a Buarcos Francisco de Britto de Menezes, da autoria de Jerónimo da Silva.

marinheiros saem em terra, com 60 soldados que confiam no exercício das armas”, enquanto a frota se forma “em meia-lua enquanto as chalupas levam gente para terra”. Do lado de Buarcos, consternadas, fogem “três mil almas” que deixam “Buarcos ser totalmente pilhado e destruído”. Na terceira coluna, são descritas as diversas atrocidades cometidas em Buarcos, de onde saem “acompanhados de gente velhíssima, dois homens e duas mulheres e voltam ao mar”²⁹. Para além desta gravura, esta incursão é sucintamente descrita em outras fontes neerlandesas, permitindo perceber que o ataque retratado terá acontecido em julho de 1629³⁰.

De salientar ainda uma referência no texto da gravura a Pieter Heyn, corsário neerlandês que se tornou famoso após a conquista de parte da frota anual da prata espanhola, na Baía de Matanzas, Cuba, em 1628, calculada em cerca de 12 milhões de florins³¹. Ao tomar conhecimento da sua morte, Hendrick Kleuter e a sua tripulação poderão ter agido contra Buarcos como forma de retaliação contra Espanha³².

CONCLUSÃO

Em síntese, mais do que recuperar a memória de um espaço marítimo geoestratégico do centro litoral português, com este texto procura-se contribuir para o enquadramento da dinâmica de povoamento na Época Moderna em torno do território da Figueira da Foz e revisitar, em primeiro lugar, os seus sítios arqueológicos como elementos preponderantes de uma evolução que se pautou por novos quotidianos e num urbanismo mais voltado para o mar.

²⁹ Veja-se o Anexo II com a tradução para português do teor desta narrativa.

³⁰ Sobre este assunto, veja-se Wassenaar, 1630: 64v-65; 81v-82. As fontes neerlandesas reportam o ataque ao mês de julho e, de acordo com frei Simão Leitão, o ataque a Buarcos durou até 15-07-1629.

³¹ Sobre este assunto, veja-se Piet Heyn in BRASILHIS; e Hartmans, 2007. Pieter Heyn [Pieter Pieterszoon Hein (1577-1629)], também conhecido por Piet Hein, foi morto a 18-06-1629, em Oostende, Bélgica.

³² A morte de Piet Hein pelos Espanhóis poderá ter sido o mote para o ataque concretizado pela tripulação comandada por Kleuter como se pode verificar no texto do Anexo II. Veja-se Wassenaar, 1630: 46v-47.

Nessa medida encontra-se o dinamismo náutico testemunhado por Buarcos e que encetou o estudo desta nova cartografia aqui estudada.

Nela conseguimos, através da contextualização temporal e geográfica de Buarcos, apresentar novos contributos para a história local, nomeadamente sobre a dinâmica da margem atlântica na Época Moderna. Com efeito, o potencial das diferentes fontes apresentadas não se esgota neste estudo, podendo ser um ponto de partida ou um contributo para estudos prosopográficos sobre alguns dos indivíduos referenciados, nacionais e neerlandeses. As consequências dos conflitos entre Espanha e os Países Baixos, para o império português no período da Monarquia Dual, nas quais a incursão a Buarcos se insere, são uma temática que merece um estudo mais aprofundado, numa perspetiva de história global.

Certamente, as fontes apresentadas permitem uma nova leitura sobre um episódio menos conhecido da história local, quando analisadas em articulação, cujo teor não se esgota nesta investigação.

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

- Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC). PT/AUC/PAR/FIG04 (Paróquia de Buarcos – Figueira da Foz), 0001 Mistos 1602/1739.
- PT/AUC/PAR/FIG17 (Paróquia de Redondos – Figueira da Foz), 0001 Mistos 1629/1786.
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). PT/TT/MSCC/A/M254 – Cónegos Regulares de Santo Agostinho, Mosteiro de Santa Cruz, mç. 254.
- PT/TT/MSLIV/0260 – Manuscritos da Livraria, nº 260 (47) (SILVA, Jerónimo da, *Relação da viagem que fez a Buarcos Francisco e Brito de Menezes, Reitor da Universidade de Coimbra, em o mês de julho de 1629. Dirigida a D. Afonso Furtado de Mendonça, Governador deste Reino*).
- PT/TT/TSO-IC/037/0670 – Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Coimbra, liv. 670.
- Biblioteca Nacional de Portugal. Manuscritos Reservados, Cód. 241, fl. 256-256v (FARIA, Manuel Severim de, in *Historia Portuguesa e de outras províncias do Ocidente Desde o Anno de 1610 até o de 1640 da Felice Aclamação de El Rey Dom João o 4 / Escrita em trinta e huma relações por Manoel Severim de Faria Chantre da Sé de Évora*).

FONTES IMPRESSAS

- Arquivo da Universidade de Coimbra (1988). *A Arte de fazer mapas – Cartografia nos Países Baixos, da Idade Média à Revolução Industrial* (catálogo da exposição 14 de março a 20 de abril de 1988), datilografado.
- Assembleia da República, Legislação Régia, D. Filipe III (1629). *Carta Régia, 06 de julho de 1629. Fortificação de Buarcos, e outras providencias, para evitar que alli se repitam desembarques de inimigos*. <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/6/41/p168>
- (1629). *Carta Régia, 10 de outubro de 1629. Providencias contra os culpados no desembarques de inimigos em Buarcos*. <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/6/41/p171>
- Direção Geral do Território (s/d). Catálogo de Cartas Antigas (CA91). MAPPA DAS TERRAS DO COUTO/DO LOURIÇAL, pertencente à Universidade/Fazendo-se menção das Villas, Lugares, e/Cazaes, q no dito Couto há, e por onde/parte, como se collige dos marcos, e cor vermelha/1779/Jozé Carlos Magn. Architets, o fes no mencionado anno.
- Santa Maria, D. Nicolau de, O.S.A. (1668). *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha St.º Agostinho*. Lisboa: Oficina de João da Costa.
- Rijksmuseum, Amsterdam. *Strooptocht van vier Hollandse schepen op de Portugese kust, 1629*, disponível em: <http://hdl.handle.net/10934/RM0001.COLLECT.460253>, consultado em 25-10-2022.

ESTUDOS

- Alarcão, Jorge de (2004). In Territorio Colimbric: *lugares velhos (e alguns deles deslembados) do Mondego*. Lisboa: IPA.
- Alves, Francisco; Rodrigues, Paulo; Garcia, Catarina; Aleluia, Miguel (1998). A Cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* (185-210). Tondela: Câmara Municipal de Tondela.
- Amorim, Inês (1996). *Aveiro e a sua Provedoria no séc. XVIII (1690-1814). Estudo económico de um espaço histórico*. Volume II. Faculdade de Letras do Porto.
- Azevedo, Maria Luísa Seabra Marques de (2005). *Toponímia moçárabe no antigo condado conimbricense* [Dissertação de Doutoramento]. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Blot, Maria Luísa Pinheiro (2003). *Os portos na origem dos centros urbanos: contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- Borges, Marco Oliveira (2020). *O trajecto final da Carreira da Índia na Torna-Viagem (1500-1640). Problemas da navegação entre os Açores e Lisboa: acções e reacções*. 2 vols. [tese de doutoramento]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Carvalho, Goltz de (1906). Alguidar de typo mudejar encontrado em Buarcos. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, tomo I, 3. Figueira: Imprensa Lusitana, 106.
- Carvalho, Patrícia; Bettencourt, José (2012). De Aveiro para as margens do Atlântico: A carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na Época Moderna. In *Actas do Congresso Internacional Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna (733-746)*. Vol. 2. Lisboa: CHAM – Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar.
- Cascão, Rui (2009). *Monografia da Freguesia de S. Julião da Figueira da Foz*. Figueira da Foz: Junta de Freguesia de São Julião.
- Coelho, Maria Helena da Cruz (1989). *O Baixo Mondego Nos Finais da Idade Média*. 2 Vols. Coleção Estudos Gerais, Série Universitária. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (1ª Ed. 1983).
- Costa, Fausto Caniceiro da (2004). *Monografia de Buarcos. 2ª edição correta e actualizada*. Figueira da Foz: Edição de autor (1ª ed. 1995).
- Cortêsão, Jaime (1990). *Os Descobrimentos Portugueses – I*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Cruz, Belchior da (1898). Notícias várias: 1 Explorações da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz. *O Arqueólogo Português*, IV. Lisboa: Imprensa Nacional, 274-276.
- Fabião, Carlos (2004). Centros oleiros da Lusitania: Balanço dos conhecimentos e prespectivas de investigação. In *Actas del Congreso Internacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)* (379-410). Universidad de Cádiz, Noviembre 2003. Oxford: B.A.R., int. ser., 1266.
- Ferreira, Ana Maria Pereira (1995). *Problemas marítimos entre Portugal e a França na primeira metade do século XVI*. Cascais: Patrimonia.
- Ferreira, Ana; Pinto, Sónia (2017). *Análise e Diagnóstico Património Classificado e Referenciado – Documento final. Secção 2 Carta municipal de arqueologia*. Divisão de Urbanismo – Subunidade de Planeamento; Divisão de Cultura. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- Gomes, Saul António (2017). Transcrição do original do Foral Novo de Tavarede. In S. A. Gomes (Coord. Científica), *Tavarede. Foral Manuelino* (117-129). Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- (2017a). Buarcos e os seus forais. In S. A. Gomes (Coord. Científica), *Buarcos. Forais* (13-100). Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.

- Gomes, Rosa Varela (2014). A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal – contributos e problemáticas. *O Arqueólogo Português*, 2 (2012), Série V. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural, 13-75.
- Hartmans, Rob (14-02-2007). Piet Hein en de verovering van de Zilvervloot. In *Historisch Nieuwsblad*. Disponível em <https://www.historischnieuwsblad.nl/piet-hein-en-de-verovering-van-de-zilvervloot/>, consultado em 26-03-2023.
- Israel, Jonathan I. (1997). *La república holandesa y el mundo hispánico, 1606-1661*. Madrid: Editorial Nerea.
- Lichnowsky, Félix (1845). *Portugal: recordações do anno de 1842*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- López Pérez, Maria Dolores (1991). Una frontera no determinada: las actividades corsárias catalanas y granadinas en el Mediterráneo occidental. (siglo XIV). *Revista da Faculdade Letras: História*, II Série, VIII. Porto: Universidade do Porto, 867-873.
- Mano, Pereira (1997). *Terras do Mar Salgado. São Julião da Figueira da Foz – São Pedro da Cova-Gala – Buarcos – Costa de Lavos e Leirosa*. Figueira da Foz: Centro de Estudos do Mar e das Navegações Luís de Albuquerque – CEMAR.
- Mantas, Vasco (1999). As *villae* marítimas e o problema do povoamento do litoral português na época romana. *Collection de la Casa de Velázquez Volume nº 65. Économie et Territoire en Lusitanie romaine: Actes et travaux réunis et présentés par Jean-Gérard Gorges et F. Germán Rodríguez Martín*. Madrid, 135-156.
- Mantas, Vasco Gil (2018). Notas em torno da representação da Foz do Mondego no Atlas de Pedro Teixeira Albernaz. In *Forte de Santa Catarina – Imagem de um Território* (10-19). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Mantas, Vasco (2021). Um farol romano na foz do Mondego? In Ana Ferreira e Raquel Vilaça (Coords.), *Colóquio Santos Rocha. Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz* (214-233). Figueira da Foz – Coimbra.
- Meisner, Daniel (1630). *Thesaurus Philo-Politicus Pars Quinta Tomi Secundi (...)*. Franckfurt. Disponível em: <https://www.digitale-sammlungen.de/en/details/bsb11165536>.
- Monteiro, João Gouveia (1999). *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média – presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Coimbra: Edições Colibri, FLUC.
- Pelúcia, Alexandra (2010). *Corsários e Piratas Portugueses. Aventureiros nos Mares da Ásia*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Penajoia, Marco (2012). *A Questão portuária em torno de Montemor-o-Velho: Estudo de Arqueologia*. Coleção Memória e Identidade. Montemor-o-Velho: Câmara Municipal.

- Pereda, Filipe e Marías, Fernando (Eds.) (2003). *El Atlas del Rey Planeta. La "Descripción de España y las cuevas y puertos de sus reinos" de Pedro Teixeira (1634)*. Hondarribia: Nerea Editorial.
- Piet Heyn. In *Base de Dados BRASILHIS: Redes pessoais e circulação no Brasil durante o período da Monarquia Hispânica (1580-1640)*. Disponível em: <https://brasilhis.usal.es/pt-br/node/1845>, consultado em 26-03-2023.
- Polónia, Amélia (2008). Introdução ao dossier temático. *Revista da Faculdade de Letras. História*, III Série, 9. Universidade do Porto, 9-10.
- Rocha, Santos (1888). Megálito da mama do furo. In *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira: memoria oferecida ao Instituto de Coimbra (120-122)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- (1893). *Materiaes para a historia da Figueira nos seculos XVII e XVIII*. Figueira: Casa Minerva.
- (1904). Notícia de alguns silos e louças árabes do Algarve. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, tomo I, 1. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana, 20-21.
- (1905). *O Museu Municipal da Figueira da Foz - Catálogo Geral*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- (1908). Cemitério do século XV em Lirio. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, tomo I, 8. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana, 226-227.
- (1971). *Memórias e Explorações Arqueológicas, Vol. II: Estações Pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- (1975). *Memórias e Explorações Arqueológicas, Vol. III: Memórias sobre a Antiguidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Roquinho, Pedro (2018). Intervenção arqueológica decorrente da obra de requalificação do monumento. In *Forte de Santa Catarina. Imagem de um Território (42-47)*, Lisboa: Caleidoscópio.
- Urbano, Carlota Miranda (2001). *A Oração de Sapiência do P. Francisco Machado SJ, Coimbra, 1629. Estudo. Tradução. Comentário*. Lisboa: Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Varnhagen, Francisco Adolfo de (1871). *Historia das Lutas com os Holandezes no Brasil, desde 1624 a 1654*. Viena. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7203>
- Wassenaar, Nicolaes Jansz van (1630). *Het seventiende gbedeelt of 't vervolch van het Historisch verhael aller gedenckwaerdiger geschiedeniss (...)*. Amsterdam. Disponível em: https://books.google.pt/books?id=9aggmojOrtsC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

ANEXO II

Texto da gravura, traduzido para português:

Breve relato do que se passou debaixo do pavilhão do Sr. Comandante Hendrick Dircksz Kleuter, saído de Flissinga com três naus e um iate, tendo por Vice-Almirante Adriaen van Kruyningen, de Flissinga, como Contra-Almirante Louis Martensz, de Hoorn, e como Capitão Willem Bouwersz Keert de Koe, de Roterdão.

[Coluna 1]

Contemplai, Virgem Holandesa, os cavaleirescos feitos
a Vossa gente fiel que, para dano dos seus inimigos,
combateu recentemente, no meio do seu próprio país,
para troça da Castela e vergonha de Portugal.
Embora a Pátria tenha perdido o Papão (como se diz),
talvez possa nascer de novo
um outro que assuste os Espanhóis
e pise com os pés a nuca de Portugal –
tanta coisa vemos acontecer hoje em dia
e não se bate já à porta do Rei em Madrid?
E não pode a sua nação, em terra e no mar,
Conseguir cavaleirescamente o que fez a antiga Roma?
Ordenastes como Comandante destes cavalos de madeira
o Vosso Cleuter que se esforçou em cumprir o seu ofício
com dignidade como mostrou enriquecendo
com glória a Vossa perruca da maneira mais bela.
Enviastes-lhe para a costa para provocar danos ao Espanhol
que nunca se atreveu a sair dos seus portos.
Navegando da baía de Biscaia, velou ao longo
de toda a Galícia (de uma vez) que também aprisionou,
chegando com tempo ao Cabo de Finisterra
onde achou por bem não se demorar,
não vendo presa para tomar

porque o seu tempo passava e encurtava de dia para dia.
Perante isso, o que decidiu? Chafurdar toda a costa espanhola

[Coluna 2]

a fundo, para honra de Orange.
Ele passa de porto em porto a ver o que pode fazer
mas não encontra inimigo que trava a sua força.
Avança para o Cabo do Mondego
onde desperta outro desejo na sua mente.
Célere, manda o capitão chegar a bordo
e diz-lhe que não devem partir daí assim.
Buarcos foi-me dado como presa –
devemos sair em terra sem tardar, sou incentivado
pelo meu Zeloso. A minha alma testemunha-me
que antes de cair a noite a nossa gente cantará vitória.
Aqui vê-se que o pavor das obras de Pieter Heyn
faz Portugal tremer por um dos seus tenentes
que já segue na senda firme onde
o nosso Almirante perdeu a vida.
Os marinheiros saem em terra, com sessenta soldados
Que confiam no exercício das armas.
Forma logo a frota em meia-lua
enquanto chalupas levam gente para terra.
O Português, consternado, foge com três mil almas
e deixa Buarcos ser totalmente pilhado e destruído:
embora chamados às armas, não oferecem resistência
porque o nosso Comandante atoa firme, de longe,
com a sua artilharia de metal para o meio das tropas,
pelo que o pobre Espanhol consternado tem de clamar misericórdia.

[Coluna 3]

A sua gente pilha firme e junta a sua presa.
A chusma está ocupada tirando a sua roupa

Para por outra pele no corpo, tirada dos espanhóis,
Vêem-se imediatamente vestidos de outro vestuário.
Os soldados estão de vigia e tudo está tomado,
Avançam para a igreja onde
com admiração se veem partidos os altares
que, infelizmente, foram abandonados pelo clero.
Em suma, foi tudo pilhado e roubado
pelo que o Português tanto tempo labutou.
Antes de partir põe fogo à aldeola
que ainda agora estão a reconstruir.
O vinho e as bebidas brancas deles, prensado no ano passado,
são apertados de tal maneira que os toneis rebentam
como se cada um quisesse afirmar
que o vinho já não os ajudaria para manter a vida.
Quando tudo jazia destruído, violado e desonrado
para pena da Espanha, tudo virado de avesso,
deixam o lugarejo Buarcos abandonado
acompanhados de gente velhíssima, dois homens e dois mulheres
e voltam ao mar, trazendo à Pátria
uma coroa vitoriosa gloriosamente na mão.
A si Virgem Holandesa bem-aventurança, louvor e gloria
que eternamente continuará pelos tempos na memória.

A fortuna muda rapidamente

Impresso em Amesterdão por Francoys vanden Hoeye, residente na
Kalverstraat, no Três Rosários. No ano de 1629.

Arie Pos. Porto, julho de 2022

